

Canções de Elomar Figueira Mello: uma proposta interpretativa Conferência-Recital

Thiago Vaz Cruvinel

Universidade Federal de Uberlândia
thiagovc@artes.ufu.br

Paula Andrade Callegari

Universidade Federal de Uberlândia
paula_callegari@yahoo.com.br

João Gabriel Mariano Ferreira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
WKJOAMARIANO@GMAIL.COM

Abstract

The purpose of this study is to present an interpretative proposal of some songs from the Brazilian composer Elomar Figueira Mello, using voice, guitar and recorder. The text presents aspects related to the composer and his literature and the repertory selection for the lecture-recital. Thus are addressed issues related to streaming between the classical and popular, the language used and the recurring themes in the songs.

Keywords: Elomar Figueira Mello; brazilian music; songbook; interpretative proposal.

Introdução

A proposta desta conferência-recital é apresentar um recorte de pesquisa em andamento¹, cujos objetivos são: realizar um recital comentado com canções de Elomar Figueira Mello, reunir e estudar a bibliografia acerca do compositor e seu cancionero e abordar aspectos interpretativos referentes ao trio: voz, violão (guitarra acústica) e flauta de bisel. A pesquisa, após quase três semestres de trabalho,

¹ Trabalho de Conclusão de Curso em andamento do bacharelado Thiago Vaz Cruvinel, aluno do Curso de Graduação em Música, Habilitação em Canto da Universidade Federal de Uberlândia (Brasil), intitulado "Recital Comentado: Canções de Elomar Figueira Mello", sob orientação dos professores Dr. Flávio Carvalho e Letícia Bertelli.

encontra-se em fase final de seleção do repertório, elaboração e ensaio dos arranjos considerando a instrumentação utilizada nas canções. A conclusão do trabalho está prevista para o mês de julho do ano de 2011, quando serão apresentados os resultados finais do estudo.

Elomar Figueira Mello: vida e obra

O compositor

Elomar Figueria Mello nasceu em 21 de Dezembro de 1937, na cidade de Vitória da Conquista, estado da Bahia. Os primeiros contatos do compositor com a música se deram cedo, em cultos da Igreja Batista que frequentava com a família onde ouvia constantemente música religiosa. Aos sete anos de idade teve contato com narrativas épicas na música profana de menestréis errantes. Após essa descoberta musical Elomar saía de casa escondido para ouvir o violão, a viola, a sanfona e os músicos que tocavam esses instrumentos, conforme ilustra este trecho do verbete “Elomar” presente no *Dicionário Cravo Albin da Música Brasileira*:

(...) gostava de ir às feiras para ver os cantadores, os catingueiros, que eram ridicularizados por falarem de maneira incorreta. Considerando a importância da cultura do sertão e das comunidades interioranas, decidiu que, em suas composições, ligadas ao universo rural, prezaria escrever naquela variação linguística. (...) Vive por opção na região do semi-árido, no sudoeste da Bahia, onde divide seu tempo cuidando das duas pequenas fazendas em que cria carneiros e cabras (...) (<http://www.dicionariompb.com.br/>).

Eventualmente, nessas ocasiões, “aprendia a tocar violão, que anos mais tarde se tornaria seu instrumento definitivo” (http://equipe_ativ_educ.sites.uol.com.br/elomar/biografia.htm). Música como uma possibilidade profissional ainda não era bem vista na época da juventude do compositor, não só por sua família, mas também por toda a sociedade. O fazer musical era tido como ofício de vagabundos e desocupados, o que justifica o fato de suas primeiras investidas musicais terem sido às escuras.

Desde a infância Elomar vive entre os elementos que podemos encontrar hoje em sua obra, e por várias vezes viveu como muitos de seus personagens:

Sua vida é um campo de mediações sucessivas: entre o passado de ouro e o presente sem luz; entre o poder dos homens e a vontade divina; entre o processo corrompido representado pelas cidades e o pesado idílio da vida rural marcada pelas inclemências da natureza e dos maus homens; entre a arte

como consagração de visão de mundo e a manifestação festiva do exercício do prazer; entre o nacionalismo que carrega sombras de heranças ibéricas e a crítica ao internacionalismo que impõe sua cunha de autoritarismo, servilismo e mediocrização aos brasileiros de hoje (Elomar: Cancioneiro 2008: 14).

O compositor conhece as dificuldades pertinentes aos habitantes do sertão do Nordeste do Brasil, a seca, a miséria e o esquecimento. Elementos esses que permeiam toda a sua obra:

(...) sempre preso à mesma temática, as vicissitudes do homem, seus sofrimentos, suas alegrias na terrível travessia que é a sua vida e, sobretudo, seu relacionamento com o criador. Isto é claro, a partir do seu elemento circunstancial, o Sertão, sua pátria. Verdadeiramente, onde vive. (http://equipe_ativ_educ.sites.uol.com.br/elomar/).

A obra

Em 1968 Elomar lançou seu primeiro disco, mas foi o LP “Das Barrancas do Rio Gavião”, de 1972 que o levou ao grande público. Sua discografia é composta por 12 álbuns simples; 4 duplos e 1 compacto simples. Possui uma vasta produção composicional: 11 óperas; 11 antífonas; 4 galopes estradeiros; 1 concerto de violão e orquestra; 1 concerto para piano e orquestra; 1 concerto para sax alto e piano; 1 sinfonia; 12 peças para violão solo; e 80 canções, que constituem o objeto de estudo desse trabalho.

(...) o cancioneiro elomariano parece assumir a proa da preferência não apenas do público, mas de dezenas de músicos, intérpretes e estudiosos da cultura brasileira, que localizam nas peças para voz e violão a maior contribuição do compositor. (Elomar: Cancioneiro 2008: 17).

Explorada no meio popular, mas pouco conhecida entre cantores e músicos eruditos, principalmente nas Universidades, a música de Elomar Figueira Mello apresenta um valor imensurável à música e cultura brasileiras, seja por seus elementos puramente musicais, pela riqueza dos textos, ou pela relação entre música e texto. Os aspectos sertanejos presentes nos poemas das canções são elementos marcantes e constituintes da identidade de suas peças.

No cenário musical brasileiro, diversos compositores, de música erudita ou popular, fizeram canções sobre textos ligados a temáticas nacionais (à Amazônia ou às manifestações indígenas e africanas no Brasil). Contudo, as composições de Elomar

apresentam características temáticas próprias, pois retratam o Nordeste de um Brasil sertanejo e interiorano.

A canção erudita brasileira, entendida aqui como uma forma já consolidada e com referências estéticas definidas principalmente ligadas à dicção, entoação e nasalidade do português brasileiro, engloba majoritariamente canções para canto e piano, o que faz com que preparar esse repertório utilizando voz, violão (guitarra acústica) e flauta de bisel seja uma experiência nova para os intérpretes.

Programa do recital

A escolha das músicas que compõem esse recital se deve principalmente à afinidade com o repertório e a relevância das peças dentro da obra geral de Elomar. Para tal foram analisadas a extensão e tessitura das partes, o que resultou posteriormente numa adequação das canções à voz aguda, em contraste com a tessitura grave de Elomar. As canções foram selecionadas dentre as 49 presentes nos 14 cadernos de partituras do *Cancioneiro*². Foram discutidas questões referentes ao andamento, dinâmica, articulação, acentuação, fraseio, texto (compreensão dos termos dialetais), colocação da voz (adequação técnica dos fonemas), afinação, textura, tonalidade, entre outros aspectos pertinentes ao estudo e execução das obras musicais. O programa dessa conferência-recital inclui as seguintes canções:

1. Cantiga de Amigo
2. Incelença pro Amor Retirante
3. A Pergunta – do auto “O Tropeiro Gonsalin”
4. Acalanto
5. Campo Branco
6. Clariô – 5º canto de “O Auto da Catingueira”

Entre o erudito e o popular

Elomar Figueira Mello é um compositor contemporâneo, vivo, criador de um repertório rico, que permite vastas possibilidades interpretativas. Os referenciais de interpretação dessas canções são cantores populares, principalmente o próprio

² Neste trabalho o vocábulo “*Cancioneiro*”, quando usado com inicial maiúscula e estilo de fonte itálico se refere à publicação utilizada como referência guia desse trabalho (*Ibidem*). Já “cancioneiro”, quando usado em letras minúsculas se refere ao conjunto de canções de Elomar.

Elomar, mas também Dércio Marques, Xangai, dentre outros que registraram essas peças em vasta discografia.

Distinguir erudição e popularidade na música de Elomar não é tarefa simples. O compositor ao criar já desenvolve suas peças como as quer, sem acrescentar após o término, técnica e acabamento formal erudito. “(...) uma das características mais singulares do trabalho de Elomar é o deslizamento franco entre erudito e popular e a convivência harmônica de tradições distintas, em nome da unidade que precede a separação dos dois universos” (*Ibid.*: 17).

Porém podemos fazer uma divisão entre peças mais populares (canções para voz e violão) e outras eruditas ou cultas (peças instrumentais para violão solo, óperas, concertos, cantatas e antífonas).

No caso da raiz erudita, pode-se destacar a forma como os tempos são fluidos, mais colados ao canto, com suas flutuações próprias, extrapolando a rigidez das marcações em nome da expressividade. No que tange à marca popular, pode-se destacar a dificuldade em torno dos ritmos e da batida do violão [...] O caráter de recitativo levou a adotar uma escrita com o tempo livre, muito comum na escrita da música antiga. (*Ibid.*: 57).

Neste sentido, o estudo dessas obras nos permite encontrar caminhos interpretativos próprios, aplicando anos de estudo de música erudita a um repertório composto originalmente para intérpretes de música popular.

É exatamente no que é mais popular que a obra parece exigir do arsenal erudito atenção e liberdade para propor novos padrões de registro.” (*Ibid.*: 56).

A linguagem

“Como apresentar o sertão a quem não o conhece existencialmente?” (*Ibid.*: 19). A resposta desse questionamento, tomando como ponto de referência as canções de Elomar, se torna quase óbvia na reinvenção da linguagem de seus poemas.

O violeiro se apresenta, dispõe-se a mostrar os cantos de seu mundo e se define como um homem tocado pelo amor, arte e liberdade. E o faz com estilo que traz muitas tradições artísticas, acentos ibéricos, discurso bíblico e, desde os primeiros versos, uma das surpresas da arte elomariana que ainda hoje encanta e desafia: a manifestação de uma nova língua dentro do idioma português. (*Ibid.*: 18-19).

Essas mudanças dialetais podem causar certa estranheza à primeira escuta, porém mesmo que não obedeçam às normas padrões da língua portuguesa, conferem uma completa adequação aos poemas e à música elomariana. Em trechos da fala do

tropeiro Gonsalin presentes na canção “A Pergunta”, podemos perceber essa variação linguística da qual o compositor se utiliza para escrever seus textos. Observe em forma dialetal e padrão:

<i>Na catinga tá chuveado?</i>	Na caatinga está chovendo?
<i>Ribeirão istão incheno?</i>	Ribeirões estão enchendo?
<i>Me arresponda meu irirmão</i>	Responda-me meu irmão
<i>Cuma o povo de lá tão?</i>	Como o povo de lá está?

As temáticas “sertanezas”

Elomar define seus textos como de origem “sertaneza”, ou seja, do Grande Sertão, em oposição à música “sertaneja” presente nos meios de circulação em massa no Brasil. Vinícius de Moraes, no texto de apresentação do LP “Das Barrancas do Rio Gavião” comenta:

(...) Pois assim é Elomar Figueira de Melo: um príncipe da caatinga, que o mantém desidratado como um couro bem curtido, em seus 34 anos de vida e muitos séculos de cultura musical, nisso que suas composições são uma sábia mistura do romanceiro medieval, tal como era praticado pelos reis-cavaleiros e menestréis errantes e que culminou na época de Elizabeth, da Inglaterra; e do cancionero do Nordeste, com suas toadas em terças plangentes e suas canções de cordel, que trazem logo à mente os brancos e planos caminhos desolados do sertão (...) Pois assim é Elomar Figueira de Melo: um príncipe da caatinga, que o mantém desidratado como um couro bem curtido, em seus 34 anos de vida e muitos séculos de cultura musical, nisso que suas composições são uma sábia mistura do romanceiro medieval, tal como era praticado pelos reis-cavaleiros e menestréis errantes e que culminou na época de Elizabeth, da Inglaterra; e do cancionero do Nordeste, com suas toadas em terças plangentes e suas canções de cordel, que trazem logo à mente os brancos e planos caminhos desolados do sertão (...) (Elomar 1972: s.p.) .

As canções, cantigas e autos de Elomar, seus poemas inspirados nas cavalarias onde coexistem cavaleiros, reinos distantes, princesas, príncipes e torres, porém associadas com temáticas do sertão nordestino brasileiro, trazem consigo uma permanência cultural que sobrevive ao tempo e remonta períodos musicais já vividos pela humanidade. Sobre isso,

Elomar costuma dizer que o seu sertão vive numa dobra de tempo. Equivale defender que as coisas podem ocorrer fora da marcha das horas do relógio dos homens. Por isso, em sua criação, eventos passados e lugares inacessíveis se tornam, mais que possibilidades, fatos reais e presentes (...) a linguagem se inclina para uso precioso, que tem raízes musicais nos cantos ibéricos, com suas heranças mouras, e fontes literárias nas cantigas de amigo. Entram

em cena fidalgos, donzelas, mucamas e ciganos. (...) a presença da herança européia e do período medieval (que não vivemos) ganha tradução na adaptação de histórias clássicas do repertório que vem das narrativas de cavalaria. Somadas a uma característica própria do sertão brasileiro: o exagero. Na forma de fantasia sobre um passado não vivido, de imaginação a partir de novelas aventurosas, nas quais habitam reis e castelos, o cantador maneja seu verso sem limites na sensatez, com a altivez de quem possui verdades, ainda que impossíveis. (...) A matriz medieval das canções trovadorescas de Elomar não se distancia das origens populares. (Elomar: Cancioneiro 2008: 33-35).

Essa característica que evoca a tradição medieval européia pode ser mais bem apreciada em letras de canções. Um exemplo encontramos em “Cantiga de Amigo”: *Lá na Casa dos Carneiros/ Onde os violeiros/ Vão cantar louvando você/ Em cantigas de amigo/ Cantando Comigo/ Somente porque você é/ Minha amiga mulher [...] Violas e violeiros/ Só vivem clamando assim/ Madre a amiga é ruim/ Me mentiu jurando/ Amor que não tem fim*. Características semelhantes aparecem em “Incelença pro Amor Retirante”: *[...] Mas já pela madrugada/ Ouço o canto da amada/ Do grilo cantador/ Geme os rebanhos na aurora/ Mugindo cadê a senhora/ Que nunca mais voltou*. Essas peças tratam dos encontros e desilusões ocasionados pelas múltiplas facetas do amor cortês que nutrem trovadores, cantadores e violeiros por suas enamoradas.

Outras peças apresentam narrativas vivenciadas por nobres e vassallos, ambientadas em castelos e reinos distantes. É o que podemos observar na letra da canção “Acalanto”: *Certa vez ouvi contá/ Que muito longe daqui/ Bem pra lá do São Francisco/ Ainda pra lá/ Em um castelo encantado/ Morava um triste rei/ E uma linda princesinha/ Sempre a sonhar...*

A saga por que passam os nordestinos, que convivem com terríveis ciclos de seca, é outra temática constantemente retratada no cancioneiro elomariano. Como podemos constatar em “A Pergunta”: “[...] Será qui cuano eu chegue in minha terra/ Aina vô incontrá o qui é meu/ Será qui Deus do céu aqui na terra/ De nosso povo intonce se isqueceu/ Na catanga morreu tudo/ Qui nem percisô caxão”.

Recorrente nas canções de Elomar também é a temática da perseverança e clemência a Deus, que ilustra o homem sertanejo, forte, movido por uma esperança arrebatadora e guiado por uma confiança no divino e no sagrado, especialmente quando este é acometido pela seca.

Os personagens de Elomar são pessoas situadas no espaço. A geografia é um destino poderoso em suas vidas. Há elementos naturais que unem as pessoas, no enfrentamento dos mesmos males, no combate de lutas semelhantes, na espera de iguais portentos dos céus. Homens e mulheres, nas canções do cantador, são, ao mesmo tempo, objeto de uma vontade que não alcançam – embora a ela se submetam – e sujeitos de uma história que trabalham para mudar, na construção de protagonistas decididos. Não há vítimas nem coitados no sertão (Elomar: Cancioneiro 2008: 50).

Esse fardo a que os personagens estão submetidos todos os anos no período de estiagem, podemos perceber em “Campo Branco”:

Campo branco minhas penas que penas seco/ Todo bem que nós tinha era a chuva era o amô/ Num tem nada não nós dois vai penano assim [...] Peço a Deus a meu Deus grande Deus de Abraão/ Pra arrancar as pena do meu coração/ Dessa terra seca in ança e aflição/ Todo bem é de Deus qui vem/ Quem não tem pede a Deus qui vem [...] E esse tempo da vinda ta perto de vim

Considerações finais

O cancioneiro de Elomar Figueira Mello chegou ao público por meio de discos e apresentações (Elomar: Cancioneiro 2008: 54). Nelas, além de compositor, ele assume o papel de intérprete. O cantador e o violeiro, que convergem em um único ser, têm a missão de preservar a memória de um povo e de uma cultura, relembrar personagens e suas histórias, com certa nostalgia melancólica. Os espetáculos, que podiam conter música, canto e dança, eram sempre enriquecidos com narrações de Elomar, o que consolidou seu cancioneiro como uma obra a ser apreciada em uma atmosfera maior, de troca intensa entre público e intérprete.

Atualmente, Elomar se envolve em projetos de circulação de sua obra, especialmente a erudita, junto a músicos, orquestras e diversas formações, por todo o Brasil, além do trabalho de registro em partitura de sua obra. Nesse sentido, esperamos contribuir tanto para a divulgação de sua obra, em especial o cancioneiro, bem como fazer do ato da *performance* uma comunhão entre a riqueza composicional e as possibilidades de interpretação dos músicos e instrumentos envolvidos, em todas as nuances do material criado por Elomar, seja ele musical, literário, linguístico ou temático.

Referências bibliográficas:

(2008) *Elomar: Cancioneiro*. Um volume contendo Caderno de Partituras, Notas & Letras e Livro. Publicação patrocinada pela Petrobras e Lei de Incentivo à Cultura, Ministério da Cultura. Belo Horizonte: DUO Editorial.

Porteira Oficial de Elomar. Disponível em: <<http://www.elomar.com.br>>. Acesso em: 22 mai. 2010.

Sítio Oficial de Elomar Figueira Mello. Disponível em: <http://equipe_ativ_educ.sites.uol.com.br/elomar/>. Acesso em: 29 mar. 2011.

Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: <<http://www.dicionariompb.com.br/>>. Acesso em: 29 mar. 2011.

Referências discográficas:

Elomar Figueira Mello. 1972. Das barrancas do Rio Gavião. LP. Polygram.

Notas biográficas

Thiago Vaz Cruvinel é bacharelando em Música/Canto pela Universidade Federal de Uberlândia. Realiza diversos recitais, concertos e apresentações musicais em várias cidades e regiões do país, sob diversas formações: solo, grupos vocais, grupos de câmara e coro, com ênfase na área de canto erudito, ópera e teatro musical. Participou de festivais, oficinas e *masterclasses* com renomados profissionais da área.

Paula Andrade Callegari é Mestre em Música pela Universidade de Brasília (UnB) e Licenciada em flauta de bisel pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Como flautista, participou de diversos festivais de música e *masterclasses* no Brasil e em Portugal, com renomados professores da área. Desde 2007 é professora de flauta de bisel da Universidade Federal de Uberlândia, onde coordena o Grupo de Flauta Doce da UFU.

João Gabriel Mariano Ferreira é bacharelando em violão pela Universidade Federal de Uberlândia. Participou de *masterclasses* com importantes violonistas. Em 2009 fez um intercâmbio acadêmico na Universidade Federal de Goiás. Concluiu a monografia "Os 24 prelúdios para violão de Manuel Ponce, um estudo preliminar de seus aspectos técnicos". Realiza estágio no Colégio Logosófico Gonzáles Pecothe onde ministra aulas de Música.